

O POETA CID CARVALHO(*)

J. C. Alencar Araripe

Pela segunda vez, na história da Academia Cearense de Letras, o acadêmico que chega vai sentar-se ao lado do pai que aqui já pontifica. Talvez uma singularidade nossa, no concerto das instituições acadêmicas dos demais Estados, decerto um fato não registrado na crônica da Academia Brasileira de Letras.

Com efeito, a Casa de Machado de Assis acolheu, ao longo dos anos, pai e filho em pelo menos cinco casos distintos. Nunca, porém, concomitantemente. Francisco de Castro e Aloísio de Castro, ambos médicos e escritores de fina sensibilidade; Visconde de Taunay, o celebrado autor de *Inocência* e *Retirada da Laguna*, e Afonso de Taunay, renomado historiador; Luís Guimarães Júnior e Luís Guimarães Filho, excelsos poetas; Rodrigo Otávio e Rodrigo Otávio Filho, advogados e altas expressões culturais, o filho sucedendo ao pai na mesma cadeira, a 35; e Alberto de Faria, o festajado autor de *Mauá*, e Otávio de Faria, aplaudido romancista. Em tempo algum, pai e filho foram contemporâneos na Academia Brasileira de Letras.

Tomaz Pompeu de Sousa Brasil, um dos fundadores da Faculdade de Direito do Ceará, e Tomaz Pompeu de Sousa Brasil Filho, médico, cearenses de nomeada, pertenceram à Academia Cearense de Letras, mas em épocas diferentes. A presença simultânea de pai e filho ocorreu, pela primeira vez, quando o escritor Sânzio de Azevedo chegou a esta Casa e aqui partilhou, ao lado do consagrado poeta Otacílio de Azevedo, as glórias acadêmicas. Pela segunda vez, para gáudio de todos nós, repete-se agora o episódio. Jáder de Carvalho, o augusto poeta e escritor de muita raça, vê alcandorar-se ao colegiado maior das letras o filho poeta, Cid Sabóia de Carvalho, e com ele, lado a lado, reparte as primícias deste momento de inesquecível beleza e reconfortante deleite espiritual.

O recipiendário desta noite é uma figura que se desdobra em múltiplas atividades: Professor, é o mestre do Direito e da Comunicação com domínio

(*) Discurso de saudação a Cid Carvalho, quando de sua posse na Academia Cearense de Letras, a 20 de março de 1980.

de conhecimento e exuberância de linguagem. Advogado, é a vivacidade polêmica e a fluência combativa. Homem de rádio, ora é o cronista insinuante do quotidiano, outras vezes, o comentarista arrebatado das páginas esportivas, no dia-a-dia, o noticiarista com timbre inconfundível de voz e entono narrativo. O artista manifesta-se na pintura, que é um *hobby*, e na criação poética. Qual o trabalho que mais o seduz e agrada? Em que área se sente melhor e acredita que se realize pessoalmente? Difícil dizê-lo, já que toda a sua atuação é assinalada de empenho e pertinácia. Além do mais, nunca manifestou predileções.

O pai, certa feita, deu-nos esta revelação: "Feliz só me senti mesmo na cátedra, exercida com alma e cultura. E também nos raros minutos em que forças misteriosas, dando-me uma sensibilidade fora do comum e dobrando-me a uma ternura, que às vezes eu não compreendia, me punham a pena entre dedos nervosos para algumas centenas de sonetos e poemas, marcados pelo amor à mulher, à minha terra e à liberdade".

O filho, este ainda não fez a sua confissão. Não soou a hora do desafo. Ou aquele instante que Raul de Leoni sintetizou em terceto magistral:

*Vai-se vivendo. . . vive-se demais,
E um dia chega em que tudo que somos
É apenas a saudade do que fomos. . .*

A obra poética de Cid Carvalho, que foi divulgada até hoje, está inserida em duas publicações patrocinadas pela Biblioteca da Academia dos Novos — **Pequena Antologia**, que reúne outros autores, e **Gritos e murmúrios**, editados em 55 e 56, respectivamente, e dois livros: **Pássaro de fogo**, de 71, e **Opus 78**, desse mesmo ano.

A estréia é auspiciosa. Os três poemas, reunidos na **Pequena Antologia**, já nos dão a medida do poeta que desponta. Há originalidade, beleza de expressão e força de mensagem, como neste "Sede primeiro geógrafo profundo":

*Homem, quereis vos estudar?
Então sede primeiro geógrafo profundo,
procurai primeiro conhecer os segredos da Geógrafia
porque
o homem
é semelhante
à terra. . .
Regiões vulcânicas possui o homem,
nós somos cheios de Vesúvios. . .
Os anos passam e às vezes*

*muitos deles se extinguem. . .
Quando isto acontece se deixa de sentir
o que outrora tanto se sentiu
— pois as erupções diminuem. . .
Como a terra
cada ser humano
tem seu Everest
onde as almas costumam subir: o coração.*

Em *Gritos e murmúrios*, a temática é predominantemente social. O poeta lança um grito de revolta diante do que ocorre com o homem e a natureza. E com frequência ecoa o apelo à luta e à revolução.

Em "A passeata", Cid exclama:

*Vem comover-te, comigo, camarada,
vem ver os grevistas que passam.
— São muitos e estão famintos!
— São muitos e estão revoltados!*

No "Hino aos camponeses", brota a centelha revolucionária:

*Um dia, camponês, choverão
as lágrimas que tu derramaste.
E elas formarão rios,
onde os teus exploradores sossobrarão.
Um dia, camponês,
do teu suor que pinga o chão
nascerá uma árvore vermelha
que terá por fruto a revolução!*

Em "Convite para a caminhada da estrada real", Cid dá mais um passo na escalada do revolucionário, que para ele é "o homem que se prolonga e nunca finda mais".

Diz o poeta:

*O convite que eu faço,
faço aos que conheço e aos que nunca vi.
Faço o convite sem examinar a procedência de ninguém.
Não quero saber se vem do cárcere mais estreito
ou do leito mais confortável. . .
O convite é leal.
Convido os criminosos e seus condenadores,
porque a recuperação existe para qualquer um e qualquer um
pode ser andarilho da estrada real.*

*Não pergunto o passado de nenhum dos que convido.
Adivinho e compreendo e por isso convido.
Homem ou mulher que estiver me ouvindo,
vem comigo percorrer os labirintos dos caminhos.
Mas antes eu faço uma advertência:
quem vem conosco nunca retrocede
e tem sempre a morte ao seu lado,
muito embora busquemos a melhor espécie de vida.
Olha: pensa, reflète e vê se podes vir.
Se tens a seiva da inconformação
misturada a teu sangue;
se tua alma é alma de desbravador,
se teu coração bate por milhares, – vem!
O caminho é longo. Há imprevistos.
É como se estivéssemos numa selva imensa
onde só habitassem feras famintas. . .
Queres vir?
Só pode vir aquele capaz de ter consigo o fuzil,
como se tivesse a mais doce mulher. . .
Se teu corpo não é uma caldeira
onde fervem mil aspirações, – não venhas. . .
Por certo retrocederás e o calor da porfia
há de te fazer mal. . .
Só vem quem possui mãos realizadoras
e é capaz de deixar uma memória por cultivar-se!
Nós somos Simon Bolívar a libertar!
Tiradentes a conspirar!
Vem! Se podes vir, – vem!
O ponto de chegada existe!*

Cid Carvalho torna-se mais incisivo ainda no poema “Como os aventureiros de minha terra”.

*Se for preciso
eu trocarei
a pena pelo fuzil;
se for preciso trocarei as estradas de meus sonhos
pelas estradas reais e perigosas;
se for preciso eu deixarei de escrever versos
para viver os que já escrevi,
para te conduzir, Brasil, para te apontar o caminho;
para violar a virgindade dos problemas.*

Não toi preciso, felizmente, trocar a pena pelo fuzil. O poeta descobriu outros caminhos e se serve de outros instrumentos de transformação. Pode alguém ver nessa mudança uma fuga, eu vejo um exemplo positivo de evolução. De que valeram as revoluções, que formariam rios de sangue, se as tais revoluções, depois de vitoriosas, esqueceram no dia seguinte ao triunfo os princípios por que se batiam na véspera? Não é o que vemos por toda parte, hoje como ontem?

Cid Carvalho incorporou-se à legião dos revolucionários do amor, da compreensão, do entendimento, da fraternidade. Mudar é imperioso, a ordem social continua injusta, tremendamente injusta. Só que não é possível corrigi-la com novas injustiças. O poeta proclama que "temos uma imensa capacidade de criar bezerros de ouro". A revolução das armas, digo eu, é um deles.

Com "Pássaro de fogo", surge a nova poesia de Cid Carvalho. Nova com relação ao embasamento filosófico, porque, quanto à tessitura das palavras no organograma do poema, ele continua o mesmo. Fala francamente, diz o que quer, não pertence a escolas ou correntes, desordenado e impulsivo como sempre. A sua poesia está despojada dos efeitos ressonantes da métrica e da rima, para usar expressões de Moreira Campos no tocante a Jader de Carvalho. Mas é humana, sugestiva e comovedora até. Corajosa, sobretudo, porque Cid encontrou Deus, e não tem reservas. Não importa o credo através do qual se processou a descoberta. O essencial é que ela é uma realidade palpável, porque transmutada em poesia, poesia valente, pois fala de Deus em época de materialismo desbragado.

É de muita grandeza este poema "Perdão do sândalo":
*Senhor, dá-me a mim que eu seja confiante
nos músculos que me deste
e que eu sempre acredite nos meus braços
e que eu confie nos meus gestos. . .*
*Dá-me a ilusão de que eu posso construir mundos
e de que amanhã é mesmo outro dia;
de que o dia de hoje não é o de ontem. . .*
*Dá-me a mim a impressão de que as palavras não se perdem
se forem combinadas
e de que, Senhor, tu nos assistes
antes desta combinação. . .*
*Dá-me que eu creia no valor das expressões
e que acredite na sucessão das palavras
como na sucessão infinita dos números. . .*
*Dá-me que eu creia que a doença de meu filho
é uma oportunidade para que eu o cure
e não para que tu me castigues. . .*

*Quero acreditar, Senhor, que as criaturas boas
tu me deste para o meu descanso
e que as pessoas que não me entendem
tu me deste para que eu as convença. . .
Quero rezar, Senhor, não a conformação,
mas o entendimento. . .
Dá-me que eu não fira sem querer,
que não estrague o que não toquei,
que minhas impressões digitais não fiquem onde eu não fui
e que meus crimes sejam apenas os meus crimes
e, no máximo, o crime das pessoas de quem gosto.
Quero rezar o perdão do sândalo
que perfuma quem o golpeia;
o perdão das rosas que perfumam as mãos
que as esmagam. . .
Que o meu sangue contagie de ti
as pessoas que o derramarem
e que, se eu chorar, que minhas lágrimas
sejam como o pranto do céu
que redime a terra que o sol queimou. . .
Dá-me o mínimo de tantas coisas
não somente em favor de mim,
mas em favor dos que esquecem seus limites
e investem e se perdem
contra mim.*

Opus 78 acentua o itinerário introspectivo e espiritualista de Cid Carvalho. Ao apresentá-lo, em noite de autógrafos, eu o resumi assim: Ora é terno e amorável, romântico e saudosista, e com ele voamos nas asas da fantasia e do sonho; ora é veemente e cáustico, pássaro de fogo a queimar as mazelas sociais, e com ele nos confundimos, nos altiplanos do espírito, para o protesto e a reivindicação; ora se revela contemplativo e homem de fé, e com ele nos lançamos nos caminhos que Deus delineou; ora é o cantor da natureza, embevecido diante do milagre da semente que brota ou do sertão farto depois de uma boa invernoada.

Em meio a uma variedade tão acentuada de temas, é até difícil uma seleção. Fixo-me, no livro **Opus 78**, em "Poema quase prece":

*Minhas mãos, que trabalham,
querem paz,
e meus olhos, que enxergam, querem luz.
Meus sentidos não calam, porque o Universo não deixa,*

*mas nos meus lábios, Senhor, não quero queixa
e nas minhas mãos quero possibilidades:
quando vou cavar o chão do meu país,
converso antes com as sementes
e com a terra converso
e combino o pão dos lares.
Quando subo aos píncaros,
eis que pergunto a mim se procuro ou se acho.
Mas se procuro a ti, se é a ti que procuro,
volto ao barro dos meus passos
e estático, feito de sal,
deixo que pensem se espero, se desisti,
enquanto procuro píncaros dentro de mim:
se vou voar é dentro de mim o espaço
em que me desfaço
em velocidade e luz.
Senhor, espero que meu mundo,
meu universo, meu tudo,
registrem tua presença:
no espaço da posse absoluta;
no ilimitado do poeta,
Na luta de ocupar a si mesmo. . .*

O escritor Adelino Magalhães, em *Os marcos da emoção*, observa-nos com muita pertinência: "Ides lendo — diz ele — um poeta, um filósofo, um escritor de ficção: não vos está ele penetrando à alma ou espírito. De súbito, porém, certo trecho se vos torna acessível, ameno, mesmo sensibilizador: eis que vos dispondes a volver as páginas, com a certeza de que agora, recomeçando, tudo ireis compreender ou sentir.

Encontraste a "porta da simpatia" na muralha que vos vedava o ímpeto de abraçar aquele irmão. . ."

Na leitura da obra de Cid Carvalho eu volvi páginas vezes sem conta. Nem sempre pelo poema em si ou porque não o compreendesse. Simplesmente por uma frase, por um pensamento. E esse proceder me levava a gostar ainda mais da poesia que tinha diante de mim.

. . . "Nós somos cheios de Vesúvios. . ." E não somos mesmo? "Só pode vir aquele capaz de ter consigo o fuzil, como se tivesse a mais doce mulher. . ." É o sonhador revolucionário, que também deseja apontar o caminho "para violar a virgindade dos problemas". "A noite pesada tem os relógios parados", como "A noite se acaba nos sinos da primeira missa". "Sem o deserto não haveria a poesia gritante dos oásis, sem a tempestade eu não teria bonança. . ."

“Quero rezar o perdão do sândalo que perfuma quem o golpeia”. “Se o caminho esbarra na montanha, é para nos ensinar que devemos caminhar para o alto”.

Poeta Cid Carvalho:

A 16 de dezembro de 1967, ingressava eu na Academia Cearense de Letras, um momento de afirmação intelectual, conquista que me envaidecia e alegrava. Quem me recebia, em nome desta Casa? Vosso pai: E recebia-me com as pompas de um bonito discurso, bonito e generoso, transbordamento de um coração cativo da amizade e do bem-querer.

Treze anos decorridos, alcançais, com mérito irrecusável, a Academia. E coube-me, gratíssima coincidência, o encargo de dirigir-vos a saudação oficial e apresentar-vos os votos de boas vindas. Uma honra e um prazer para mim. Somos velhos amigos, com afeições recíprocas. O que me faltou em brilho literário foi compensado pelo sincero desejo de ser justo e traduzir na medida o júbilo desta Academia.

Vindes ocupar a cadeira no. 20, do qual é patrono José Liberato Barroso. Sucedeis ao mestre Clodoaldo Pinto, uma figura indelével para todos nós. Cumpre-se a sentença de um dos vossos poemas:

*Nós somos rios e passamos;
o tempo é margem e fica.*

Poeta Cid Carvalho: rogo-vos aceitar a renovação do abraço irmão dos companheiros acadêmicos. A Casa é vossa.